

Introdução

O uso de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos vêm obtendo crescente aceitação pela população em todo o mundo, e mais especificamente no Brasil. No entanto, mesmo após a industrialização do setor farmacêutico, o uso de plantas medicinais no Brasil continuou apoiado nas tradições regionais e como alternativa terapêutica.

Fruto-da-lobeira – Toxicidade



boi, entre outras denominações.

A *Solanum lycocarpum* é uma planta nativa do Brasil, muito comum no cerrado brasileiro, pertencente à família Solanaceae, conhecida popularmente como lobeira, fruta-do-lobo, capoeira-branca, jurubeba-de-boi, baba-de-boi, entre outras denominações. Possui ampla distribuição geográfica, sendo encontrada nos estados de MG, RJ, SP, PR, GO, MS, MT, TO, AM e PA. É uma planta perene, arbustiva ou arbórea, medindo de 2 a 3,5 metros de altura. Na medicina popular, atribui-se a essa planta algumas propriedades terapêuticas. Suas folhas são recomendadas como sendo sedativo para epilepsia, diurético, contra espasmos, dor renal e abdominal. As flores são empregadas para o tratamento de hemorróidas, e a preparação de um xarope caseiro, para resfriados e como expectorante. As raízes são usadas na hepatite. Os frutos são usados no controle da diabetes e obesidade. Uma preparação medicinal feita com os frutos verdes em solução aquosa que é filtrada e seca, obtendo-se o polvilho-da-lobeira, é comercializada em cápsulas como fitoterápico no Brasil e em outros países. Sua principal composição são polissacarídeos, que atuam no sistema endócrino, reduzindo os níveis de glicose no sangue, sendo recomendada para o controle da diabetes, obesidade e para baixar os níveis de colesterol.

A *Solanum lycocarpum* possui glicoalcalóides esteroidais, que são a solamargina e a solasonina. Pelo fato de mulheres grávidas usarem preparados dessa planta para reduzir os níveis de colesterol e controlar a diabetes, estudos têm sido desenvolvidos para determinar os possíveis efeitos embriotóxicos da ingestão dos frutos de *S. lycocarpum* (3% adicionados à dieta), durante a pré-implantação (do primeiro ao sexto dia de gestação) ou durante a

organogênese em ratos (do sexto ao décimo sexto dia de gestação), como possíveis anomalias externas em fetos (conformação craniana, implantação das orelhas, pálato, conformação da cauda e das patas e perfuração anal, avaliações esqueléticas), alterações de peso da fêmea e seu útero. Foram administradas uma espécie de ração em pó contendo 3% de frutos secos de *S. lycocarpum* em um grupo experimental de ratos, e o grupo controle recebeu ração em pó sem os frutos. O consumo de água e comida foi medido diariamente. Poucas diferenças foram observadas no consumo de alimentos e água. Não foram detectadas diferenças significativas no peso de ratos tratados com a planta durante qualquer período de tratamento quando comparado ao grupo controle. Não ocorreram casos de fetos mortos após a exposição materna à planta e o peso fetal também não diferiu em relação ao grupo controle. Por outro lado, o peso da placenta foi diminuído e o número médio de filhos do sexo feminino é ligeiramente maior no grupo de ratos que receberam a planta durante a organogênese, quando comparado ao grupo controle.

Exames de fetos vivos para centros de ossificação não apresentaram diferenças significativas, apesar de um feto do grupo de pré-implantação ter mostrado malformações externas. Apesar da detecção de anormalidades esqueléticas em todos os grupos (grupos controle e experimental), um aumento de esternóbrios assimétricos foi observado nos animais tratados com a planta durante a organogênese.

Não houve diferença entre animais tratados e controle no que se refere ao número de anormalidades viscerais, porém, casos de hemorragia do bulbo olfatório foi maior na prole do grupo que recebeu a planta durante a pré-implantação, quando comparado ao grupo controle.

Estes resultados indicam que o consumo de lobeira em 3% na dieta durante a gravidez causa ligeiros efeitos toxicológicos para a mãe e o feto, principalmente nos períodos de organogênese. Porém, outros estudos têm que ser conduzidos para melhor investigar as causas da toxicidade e outros efeitos tóxicos de níveis mais elevados de exposição a essa planta.



MAIS INFORMAÇÕES

ENDEREÇOS DE CONTATO: cimplamt@ufsj.edu.br ou www.ufsj.edu.br/cimplamt/index.php

FONTES CONSULTADAS:

Dall'Agnol, R.; von Poser, G. L. **The use of complex polysaccharides in the management of metabolic diseases: the case of *Solanum lycocarpum* fruits.** Journal of Ethnopharmacology, v. 71, p.337–341, 2000.

Maruo, V. M.; Soares, M. R.; Bernardi, M. M.; Spinosa, H. S. **Embryotoxic effects of *Solanum lycocarpum* St. Hill fruits consumption during preimplantation and organogenesis in rats.** Neurotoxicology and teratology, v. 25, p. 627–631, 2003.

PLANFAVI: Sistema de Vigilância em Plantas Medicinais www.cebrid.epm.br

RESPONSÁVEIS POR ESTA EDIÇÃO: Professor Doutor João Máximo de Siqueira, acadêmicos de Farmácia, em especial Carmen Caroline, Fernanda Silva, Isabella Teixeira, Thamer Matias (estágio supervisionado), Thales Maranha de Carvalho (iniciação científica).
Agradecemos a colaboração da prefeitura municipal de Divinópolis, MG, aos preceptores farmacêuticos vinculados a SEMUSA/Divinópolis, ao **CNPq** e **Fapemig**.